

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio do Estado*

Class.: 364

Data: 03.12.79

Pg.: \_\_\_\_\_

# Cacique Juruna ameaçado de morte, depois de constatar miséria dos índios em MS

"Cuidado você, cuidado que podes entrar no ferro, ou mesmo ser encontrado morto em algum canto", disse o sobrinho do fazendeiro Argemiro, estabelecido no município de Amambai, identificado apenas como João, dirigindo-se ao cacique Mário Juruna, depois de uma discussão entre ambos, oportunidade em que Juruna afirmou que iria levar ao conhecimento das autoridades "a miséria e a exploração que vocês fazendeiros estão impingindo aos índios aqui no Sul de Mato Grosso (ele ainda não se acostumou a falar Mato Grosso do Sul). João estava acompanhado do capataz da fazenda, conhecido por "Zé da Grama" que, segundo os próprios índios informaram a Juruna, vive ameaçando-os de morte e de espancamento.

O cacique Mário Juruna, chefe da Comunidade Xavante da Aídeia Namuncurá, do Estado de Mato Grosso, veio ao Mato Grosso do Sul ver em que condições estão vivendo os indígenas, se eles estão recebendo ajuda da Funai ou do Estado, tendo ficado muito mal impressionado, chegando a afirmar: "o índio do Sul de Mato Grosso é o que está sendo mais maltratado em todo o País, a situação dos índios aqui é de total miséria, estando alguns vivendo sob regime de escravidão. Estou muito triste e com o coração ferido pelo que vi aqui, e gostaria de ter o apoio também do governo estadual, para que estas injustiças contra o primeiro homem desta terra tenham fim".

VISITA E CONSTATAÇÃO

De acordo com relatório feito por Juruna depois

de sua viagem, e que irá entregar às autoridades da Fundação Nacional do Índio, do governo federal, "no dia 27 de novembro último visitei os índios Kayoá, que moram na Fazenda Mate Laranjeiras e fiquei muito triste de ver a pobreza em que eles estão vivendo. Eles vivem presos que nem gado em piquete e foi colocado um cadeado para que ninguém visite índios, nem FUNAI, nem pessoal da Igreja, nem pessoal da imprensa, assim ninguém vê que índio está vivendo como verdadeiro escravo".

Mais adiante em seu relatório, através do qual vai apontando as diversas irregularidades que vem se registrando, principalmente por parte dos fazendeiros que "tomam as terras dos índios e os expulsam", Juruna diz que visitou outros índios da mesma tribo e que moram na terra ocupada pela Fazenda Paraguaçu, "então fiquei mais triste, com dor no coração de ver bastante famílias de índios vivendo pela beira das estradas, nas terras da fazenda que nem escravos, morando com as crianças em barracões cobertos de capim e plástico preto, que nem mendigo favelado que vi no Rio de Janeiro e São Paulo".

Diz ainda no relatório: "os coitados não podem fazer roça que o fazendeiro vem e toca eles fora das terras, então eles ficam morando no meio do pasto, misturado com o gado. Parece que índio não é o primeiro habitante do Brasil, o verdadeiro dono da terra, ele vive hoje como um posseiro no Sul de Mato Grosso".

Lembra Mário Juruna em seu relatório, "em 1976

o fazendeiro Geraldo Coimbra mandou os jagunços queimar as casas daquela comunidade que vivia na Fazenda Laranjal, e queimaram todas as roças, correndo os índios para a outra fazenda. Como não tinham o que comer, estes, à noite, escondidos, rancavam a mandioca que eles mesmo tinham plantado, numa terra que é deles há mais de cem anos". Continuou afirmando "ainda hoje estes índios vivem na miséria pois os fazendeiros não deixam eles fazer roça e fizeram uma cerca que passa menos de três metros da casa do chefe da comunidade, não deixa os índios pescarem, nem caçarem, só comer frutinha do mato".

**A AMEAÇA DE MORTE**  
Além de ter entregue este relatório à reportagem, Mário Juruna respondeu a uma série de perguntas formuladas pelo repórter e no meio da conversa surgiu o fato de ter sido ameaçado de morte por um sobrinho do fazendeiro identificado como Argemiro, e que há pouco tempo comprou a Fazenda Paraguaçu que, anteriormente pertencia a um homem identificado apenas como "Pinho".

No relatório Juruna afirma que, quando foi feito o negócio da fazenda, Pinho prometeu a Argemiro expulsar os índios até o dia 23 de novembro último e que entregaria a fazenda sem qualquer índio no interior do terreno. "Eles acham que o índio é objeto, é boneca e que podem jogar para onde quiser". Ainda segundo o relatório "o capataz da fazenda, que chama "Zé da Grama" vive ameaçando os índios Kayoá de que vai mandar eles embora, e que se não saírem vai matar to-

dos. A ameaça de morte de Juruna no entanto, ocorreu depois que ele havia deixado a fazenda e, juntamente com alguns companheiros já dirigia-se de Amambai — onde fica localizada a Fazenda Paraguaçu — em direção a Dourados. João, o sobrinho do fazendeiro, seguiu-os em um carro acompanhado de "Zé da Grama" e outro capataz, fazendo-os parar. Aos gritos, João disse a Juruna que mataria quem viesse dizer que aquela terra era de índio, pois a fazenda já havia sido comprada por seu tio por quatro milhões de cruzeiros. Disse ainda que até o dia seis de dezembro iria expulsar todos os índios de lá.

Juruna respondeu a João: "você nunca comprou a terra do índio, é que, para o branco aqui do Sul de Mato Grosso já é costume tomar terra do índio, matar índios e prender índio em gaiolas e levá-los para o Paraguai e os abandonar. Índio não é objeto e então não pode ser explorado e aproveitado". Foi então que João afirmou: "você tem que ter cuidado com o que diz, cuidado você, cuidado que podes entrar no ferro, ou mesmo ser encontrado morto em qualquer canto". Disse ainda, cuidado que eu moro bem próximo à divisa com o Paraguai e posso jogá-lo logo ali".

O cacique Juruna então, mostrando muita coragem afirmou-lhe: "você quer levar índio para o Paraguai, você pode fazer, que matar índio, pois sabe que eu vou comunicar tudo isso que está ocorrendo aqui às autoridades, à FUNAI, ao governo federal, ao gover-



Juruna foi ameaçado de morte por fazendeiros, mas continuará sua luta

no do Estado, a todo mundo, porque índio tem direito a reserva, tem direito a viver como branco vive. A criança índia também tem direito a crescer, as nossas frutas e verduras, tudo o que plantamos, também tem que nascer". Então Juruna entrou novamente no carro e seguiu para Dourados onde preparou o relatório. Depois veio a Campo Grande onde falou à reportagem. Muito magoado, cacique Juruna concluiu sua manifes-

tação afirmando que o índio tem um Estatuto aprovado pela FUNAI, e que porisso qualquer governo, do municipal ao federal pode ajudá-lo. Solicitou então que o governo do Estado de Mato Grosso do Sul, que o governador Marcelo Miranda, uniu-se a FUNAI e ao governo federal para melhorar as atuais condições do índio no Mato Grosso do Sul "o que mais vergonhosamente vive em todo o Brasil".